

HOMENAGEM A RUI PINTO, UM GRANDE AMIGO QUE PARTIU

Intervenção feita no cemitério do Alto S. João, em Lisboa, antes do seu corpo ser cremado

Conheci o Rui Pinto há mais de 40 anos. Pertencemos ambos a uma geração em que muitos tiveram de abdicar de uma carreira profissional compensadora, que era acessível na altura a quem tivesse a sorte de ter um curso superior, para lutar contra o fascismo, contra a guerra colonial, por um país mais justo, e para sermos coerentes com nós próprios e com os nossos ideais. Era uma opção de vida e muitos de nós a fizemos.

O Rui Pinto é um legítimo representante dessa geração sem medo. Uma geração que recusava um presente de fascismo e de guerra colonial, e que acreditava que, com a sua ação, conseguia construir um futuro diferente e melhor para todos.

O Rui Pinto completou com mérito o curso de direito na Faculdade de Lisboa. Foi logo convidado para assistente, tendo à sua frente uma brilhante carreira académica. Mas recusou, optando por se exilar para não participar na guerra colonial. Ele que era natural de Angola.

Conheci o Rui Pinto em 1974, chegado da Bélgica, no edifício do Ministério do Trabalho na Praça de Londres. **Ele no 12º andar** integrado num grupo de juristas que construía, pedra a pedra, o edifício jurídico de um Estado Social; **eu, no 3º andar**, dirigindo a Direção de Relações Coletivas, procurando por em prática, através de Instrumentos de Contratação Coletiva, com a participação dos sindicatos e das Comissões de Trabalhadores, esse Estado Social de mais direitos para os trabalhadores e de melhores condições de vida para quem trabalha.

Eramos jovens, e tínhamos sonhos. Muitas vezes partilhamos o momento histórico que estávamos a viver, e o nosso contributo, pequeno certamente, mas com um significado muito grande para cada um de nós. Grão a grão, etapa a etapa (*Lei do salário mínimo, pensões mínimas, Lei da pensão social, Lei das associações sindicais, e muitas outras; numerosos instrumentos de regulamentação coletiva.*) construía-se assim esse Portugal mais justo e com maior democracia social pelo qual a geração a que Rui Pinto pertencia tanto tinha lutado e se sacrificado.

E quando em Novembro de 1975, com o golpe da direita, tivemos de sair do Ministério do Trabalho, o Rui Pinto optou por continuar a por o seu saber e competência ao serviço dos trabalhadores na defesa dos seus direitos e interesses, desenvolvendo a sua atividade em associações sindicais – Cerâmicos, Vidreiros, CGTP – e na barra dos tribunais. **Viamo-nos a encontrar novamente na CGTP**, onde desempenhou um papel extremamente importante de apoio à representação internacional da CGTP, nomeadamente na OIT.

Conheci profundamente o Rui Pinto como amigo. Posso dizer mesmo que era o melhor e maior amigo que sempre tive.

O Rui Pinto tinha características especiais que tocavam profundamente qualquer pessoa. A sua permanente disponibilidade para defender os trabalhadores e para apoiar os amigos, a responsabilidade com que analisava as questões que lhe eram colocadas, a sua serenidade e tranquilidade contagiante, a

sua profunda experiência em questões legais e na barra dos tribunais, inspiravam confiança e dava-nos uma segurança jurídica muito grande para continuar a lutar.

Quando entrei para a Federação dos Sindicatos da Função Pública em 2002, com o objetivo de iniciar a contratação coletiva na administração pública, a única condição que coloquei é que tivesse o apoio jurídico do Rui Pinto. E embora ele estivesse cheio de trabalho conseguiu encontrar meio dia por semana para essa nova missão agora ao serviço dos trabalhadores da Função Pública.

Na luta que travo no Montepio em defesa dos associados, dos seus direitos e poupanças, quando era alvo de maiores ataques, calúnias e de ameaças de processos em tribunais por informar os associados, era aos conselhos jurídicos e amigos do Rui Pinto que sempre socorria, e que ele nunca negava, saindo sempre mais seguro e forte para continuar a lutar.

Sendo ambos homens de esquerda, tínhamos de comum a tristeza de assistir aos mútuos e violentos ataques entre as forças da esquerda para alegria da direita, e a mágoa profunda de ver a incapacidade das forças da esquerda para se entenderem, de que a direita se aproveitava para arrasar os direitos dos trabalhadores, para os condenar à miséria e para destruir o país.

Muitas vezes falávamos disto e partilhávamos uma grande mágoa por ver que tudo aquilo que os trabalhadores e o país tinham alcançado, que tínhamos lutado durante tantos anos estava a ser destruída pelo facto das forças da esquerda não se conseguirem entender.

Estou absolutamente certo que **o Rui Pinto**, embora doente e no leito do hospital, viveu, com eu, uma intensa alegria com os acordos entre os partidos da esquerda que afastou a direita do poder, e a impede de continuar o seu ciclo infernal de destruição da vida dos trabalhadores e do país.

Foi pena que não tivesse assistido a aprovação da moção de rejeição do programa do governo de direita e ao aplauso simultâneo de todas as bancadas dos partidos de esquerda, facto esse inédito que muitos portugueses nunca tinham assistido. Saibam as forças de esquerda, e saibamos nós que aqui ficamos, ter a força e a clarividência para consolidar esse acordo, e para afastar definitivamente a direita do poder, com que tanto ansiou e se bateu a geração de Rui Pinto dando assim de novo esperança a milhões portugueses .

Amigo Rui Pinto partiste, mas quero dizer que enquanto viver não te esquecerei como modelo de coerência e de disponibilidade, e que me fazes muita falta no apoio que me sempre deste nesta luta que, como tu, só terminará quando morrer.

AMIGO RUI PINTO, VOU-ME CERTAMENTE SENTIR MAIS SÓ NESTA LUTA, QUE ERA TAMBÉM A TUA. ATÉ SEMPRE. NUNCA TE ESQUECEREMOS.

Eugénio Rosa

Alto de S. João, Lisboa, 12.11.2015